

## O Educuidar em Educação de Infância: narrativas dos sentidos e vivências da Prática de Ensino Supervisionada

ANA CATARINA CAMACHO PARREIRA

[catariina.parreira@gmail.com](mailto:catariina.parreira@gmail.com)

Educadora de infância na Creche/Jardim de Infância “O Ninho”, Santiago do Cacém

ISABEL MARIA TOMÁZIO CORREIA

[isabel.correia@ese.ips.pt](mailto:isabel.correia@ese.ips.pt)

Professora Adjunta convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

### Resumo

Nos últimos anos, apesar de se registarem grandes evoluções no atendimento à criança, a tensão entre cuidar/educar ainda é um dos dilemas da educação nas primeiras idades, principalmente no quotidiano da prática pedagógica de alguns educadores de infância, porque em termos teóricos, existe consenso na sua indissociabilidade. O presente texto sustenta-se num estudo acerca desta temática, realizado no âmbito da componente de Prática de Ensino Supervisionada de um Mestrado em Educação Pré-Escolar, onde se procurou compreender de que forma o educuidar estava presente nas práticas pedagógicas das educadoras cooperantes e qual o significado e valorização atribuído ao cuidado. O estudo foi desenvolvido com base na metodologia de investigação-ação, assente

numa abordagem de cariz qualitativa, da qual fazem parte procedimentos de recolha e tratamento de informação que completam todo o processo investigativo, nomeadamente, a pesquisa documental, entrevistas e observação com recurso a registos através de fotografias e notas de campo.

Através da análise da informação recolhida e da intervenção realizada, destaca-se uma ação assente num envolvimento entre cuidados e educação numa perspetiva integradora, promovendo e valorizando a criação de vínculos afetivos entre o adulto e a criança, fundamentais para o bem-estar de todos os envolvidos.

### Palavras-chave:

Educuidar; Educação de Infância; Práticas pedagógicas; Relações afetivas.

## Abstract

In recent years, although there have been major developments in child care, the tension between caring / educating is still one of the dilemmas of early childhood education, especially in the daily pedagogical practice of some early childhood teachers, because in theoretical terms, there is consensus on its inseparability.

The present text is supported by a study on this subject, performed as part of the Supervised Teaching Practice component of a Master's Degree in Pre-School Education, which sought to understand how caring was present in the pedagogical practices of the co-operating educators and the meaning and value attributed to it.

The study was developed based on an action research methodology, taking a qualitative approach, which includes information collection and processing procedures that complete the whole investigative process, namely documentary re-search, interviews and observation using photographs and field notes.

Through the analysis of the information collected and the intervention carried out, an action rooted in an involvement between care and education from an integrative

perspective stands out, promoting and valuing the creation of affective bonds between the adult and the child, which are essential for the well-being of all those involved.

## Key concepts:

Educare; Early Childhood Education; Pedagogical practices; Affective relationships.

## 1. Introdução

A primeira infância é primordial no desenvolvimento de uma criança a nível físico, intelectual e emocional, uma vez que é vista como a estrutura para a vida. Deve-se “(...) pensar a infância [...] a partir do que ela tem e não do que lhe falta, como presença e não como ausência, como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade” (Kohan, 2008, p. 41). Como tal, a criança não deve ser vista como um ser incapaz e incompetente, mas sim como um ser com força e protagonista das suas ações, que precisa de ser valorizada. Tal

como refere o cantor catalão Paco Ibáñez “a criança é uma promessa carregada de presente” (D`Espiney, 2009, p. 11).

Atualmente, os serviços prestados na primeira infância, em articulação com as famílias, assumem um papel fundamental no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de cada criança. Promover um desenvolvimento integral saudável proporciona à criança uma maior facilidade de adaptação a novos ambientes e à conquista de novos conhecimentos, o que terá futuramente um impacto positivo na sua vida. Qualquer serviço de atendimento a crianças deve envolver cuidados e educação. Parte-se do pressuposto que nos espaços educativos intervêm profissionais capazes de fazê-lo, “(...) profissionais

[que] possam ser eleitos pelas crianças como adultos significativos com quem podem interagir, ligar-se afetivamente, além dos adultos significativos da família” (Correia, 2018, p. 68).

Deste modo, acredita-se que a principal função dos estabelecimentos educativos para a educação de infância “(...) é a de oferecer possibilidades de relações humanas significativas no plano afetivo” (D’Espiney, 2009, p. 68). Para tal, é crucial que exista um espaço educativo que educa e cuida, que valoriza o brincar, o dar voz assente em diálogos entre crianças e adultos, entre pares e entre profissionais, assente na conceção de que “(...) para educar a criança pequena, que ainda é vulnerável, é necessário integrar a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira.” (Kishimoto, 2010, p. 4).

Nos últimos anos, apesar de se registarem grandes evoluções no atendimento à criança, a tensão entre cuidar/educar ainda é um dos dilemas da educação nas primeiras idades, principalmente no quotidiano da prática pedagógica de alguns educadores de infância, porque em termos teóricos, existe consenso na sua indissociabilidade.

No que concerne ao cuidado em educação de infância, este vai muito para além dos cuidados básicos de higiene e alimentação, sendo por

isso “ (...) uma dimensão importante em todas as iniciativas de formação humana (...) e é particularmente importante discutir suas especificidades e possibilidades no trabalho com as crianças de 0 a 6 anos” (Kramer, 2003, cit. por Guimarães, 2011, p.43). O ato de cuidar é uma parte complementar da educação das crianças e está intrinsecamente ligado ao educar, como defende Campos (1994) ao afirmar que “todas as atividades ligadas à proteção e ao apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, proteger, consolar, enfim “cuidar”, todas fazendo parte integrante do que chamamos de educar.” (p. 35).

A componente de cuidado assume um papel crucial no desenvolvimento e bem-estar da criança, uma vez que o mesmo estimula a relação com o adulto de referência através da criação de vínculos afetivos entre quem cuida e quem é cuidado, isto é, o cuidado é um vínculo que significa atitudes, emoções e reconhecimento entre corpo e a pessoa (Figueiredo et al., s.d). Se na base deste vínculo estiver a afetividade e a mesma for característica assente nesta relação irá permitir à criança o fortalecimento da segurança e confiança em si própria e nos outros. Uma relação afetiva com estas características é designada por

vinculação (Bowlby, 1988) e só assim o ato de educar se torna significativo pois a criança encontra-se predisposta para tal. A criança “precisa do adulto, da sua influência, dos seus ensinamentos, para crescer (...) A verdade é que não basta ouvir as crianças; é preciso responder-lhes. Não basta acompanhá-las; é preciso promovê-las” (D’Espiney, 2009, p. 15).

Seguindo este pensamento, a ação de cuidar e educar é ampla, negando deste modo que o ato de cuidar seja um ato isolado, assim como as propostas educacionais. De acordo com Didonet (2003) “não há conteúdo “educativo” na creche desvinculado dos gestos de cuidar. Não há um “ensino”, seja um conhecimento ou um hábito, que utilize uma via diferente da atenção afetuosa, alegre, disponível e promotora de progressiva autonomia a criança” (p. 9). O Educuidar deve estar presente em qualquer prática pedagógica direcionada a qualquer faixa etária, importa apenas que o educador adapte a sua intervenção atendendo às necessidades e aos cuidados de cada criança que estão em constante evolução.

O cuidar e o educar são dimensões de atendimento à criança que não devem ser vivenciadas nem praticadas separadamente. Ambas se

apresentam como unidades estruturantes da prática pedagógica na primeira infância. Bettye Caldwell (1995), defensora da indissociabilidade entre os termos cuidar e educar, afirma que “não se pode educar ninguém sem se proporcionar cuidados verdadeiros e proteção durante os preciosos primeiros anos de infância.” (p. 471). Assim como também “não se pode proporcionar esses cuidados verdadeiros e proteção durante os primeiros anos de infância ou durante outros anos quaisquer sem se educar” (Caldwell, 1995, p. 471).

De acordo com a mesma autora, qualquer prática pedagógica cuja centralidade são as crianças, não pode deixar de envolver cuidados e educação numa perspetiva integradora e complementar. Deste modo, como referido anteriormente, Caldwell fundiu os termos “cuidar” e “educar” originando o conceito – *Educare*. Em suma, os momentos de cuidado promovem e fortalecem as relações pedagógicas entre educador-criança, numa tentativa de promover o desenvolvimento da criança na sua relação com o mundo que a rodeia.

Uma vez que, na educação de infância, a aprendizagem e o cuidado são processos indissociáveis, exige-se ao educador uma atenção redobrada no que diz respeito à sua função e atuação com o grupo de crianças.

Neste sentido, a dinâmica de trabalho do educador é sustentada, principalmente, pelas relações que são estabelecidas com as crianças e entre elas. Assim, o mesmo deve construir e gerir um currículo que promova segurança e conforto às crianças, de modo a fortalecer as relações afetivas, para que se construa um ambiente de confiança, cooperação e autonomia.

As interações entre adulto e criança devem ter por base relações positivas, facilitadoras de aprendizagem ativa, assumindo assim a grande importância do papel do adulto no desenvolvimento da criança, uma vez que é ele que promove um clima de confiança, com o intuito de apoiar as descobertas e explorações da criança. Esta relação deve ser baseada na “capacidade de amar e trabalhar” (Ekstein & Motto, 1969, cit. por Franco & Albuquerque, 2010, p.183), isto é, deve existir uma “ligação entre os aspetos cognitivos e afetivos (...) entendida como relação de amor” (p.183). A compreensão e empatia pelo que a criança sente e necessita é a base para que ela se desenvolva e encontre o seu “eu”.

O educador deve revelar sensibilidade e preocupação e ter a capacidade de escutar e dar voz tanto às famílias como à criança, para que

estas expressem os seus sentires. Deste modo, o espaço educativo, poderá ser entendido como um local de encontro onde as crianças, equipa e famílias têm lugar e oportunidade para se cuidarem entre si (Matos, 2018). Todos “cuidamos e necessitamos de ser cuidados num determinado momento da vida” (Mota, 2015, cit. por Matos, 2018, p.79). O educuidar assenta, exatamente nesta essência de compreensão, cuidado, amor, afetos e, para tal, é necessário escutar e compreender os sentimentos e emoções da criança.

Pretende-se que através do Educuidar sejam estabelecidas aprendizagens alicerçadas em relações seguras e afetivas, de modo a oferecer cuidado e educação, através da componente emocional que envolve a ação de cuidar (Esteves, 2005). É importante, começar desde cedo a proporcionar ambientes e propostas pedagógicas às crianças “que lhes permitam aprender a cuidar de si e dos outros, com firmeza e paixão, zelando pela sua e nossa condição de pessoas ativas no mundo, atentas, cuidadosas” (Matos, 2018, p.80). Hohmann e Weikart (2009), referem que “quando os adultos são meigos e pacientes, as crianças aprendem a apreciar essas qualidades e, ao lidarem com os outros, poderão elas próprias exibir essas qualidades” (p. 75). Em conformidade, Freire (1996) afirma que “toda a prática educativa demanda a

---

existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina” (p. 77).

## 2. Metodologia de Investigação

Atendendo à natureza do estudo, optou-se por “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 11), fundamental para este projeto. O mesmo consiste numa pesquisa direcionada à área da educação, com base em informações recolhidas através de observações e de acontecimentos no decorrer dos estágios. Como afirma João Amado (2014),

investigar em educação não é o mesmo que investigar numa outra área qualquer do social, devido à especificidade do fenómeno educativo, devido ao que os educadores fazem e se propõem como objetivos e, devido ainda, ao que os mesmos precisam de saber e que é, certamente, diferente do que necessitam outras áreas da atividade humana (pp. 19-20).

Isto porque os profissionais de educação trabalham com crianças que se encontram num constante processo de desenvolvimento e evolução,

o que exige aos profissionais desta área assumir um papel de investigadores e observadores com a capacidade de refletir e melhorar as suas práticas pedagógicas de modo a proporcionar momentos enriquecedores e propícios à aprendizagem destas crianças. As pesquisas e investigações assumem assim um papel fundamental na educação, pois contribuem para mudar, melhorar e inovar as práticas pedagógicas.

Para conseguir atingir os objetivos pretendidos é crucial que o investigador assuma um papel de observador participante conseguindo intervir nos contextos educativos onde interage, neste caso específico, nos contextos onde se desenvolveu o estágio e que seja capaz de refletir, questionar e interpretar aquilo que observa. É fundamental que o investigador, o objeto de estudo e a metodologia estejam interligados, ainda que seja necessário manter o distanciamento entre o investigador e o objeto de estudo, capaz de garantir a objetividade e o rigor científico do mesmo, para que o objetivo da investigação seja alcançado.

A presente investigação enquadra-se na investigação-ação, entendida como um “processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise, das circunstâncias e

dos fenómenos em estudo” (Máximo-Esteves, 2008, p. 82). Na investigação-ação o investigador foca-se num problema, procurando respostas e realizando ações para obter mudanças no mesmo.

No presente estudo, a investigação iniciou-se com a observação do contexto, numa sala de creche e num segundo momento, numa sala de jardim de infância, com maior foco de observação nas relações entre adulto-criança e a presença do educuidar nas práticas pedagógicas. Com estas observações foi possível constatar a existências de algumas fragilidades que poderiam ser melhoradas. Neste sentido, definiu-se como questão de partida: De que forma pode o Educador promover o Educuidar em Educação de Infância?

### **2.1 Procedimentos de Recolha e Análise da Informação**

Ao processo de recolha de informação subjaz um conjunto de instrumentos definidos pelo investigador e por si utilizados, tendo sempre em conta a sua investigação e a situação-problema que está a estudar. É fundamental que nesta recolha e posteriormente na análise das informações esteja sempre presente o rigor, ética e profissionalismo, visto que não se pretende julgar ninguém, mas sim compreender e refletir sobre as suas ações e apresentar propostas para as melhorar. Para a recolha da informação recorreremos a observações participantes

com recurso a notas de campo e registos audiovisuais, à consulta documental dos projetos educativos e pedagógicos e a entrevistas semi-estruturadas às duas educadoras cooperantes.

### **3. Os Dispositivos e Procedimentos de Intervenção**

Definido o tema em estudo, o mesmo foi alvo de diversas conversas com as equipas pedagógicas dos locais de estágio, de modo a compreender quais as suas perspetivas relativamente ao mesmo e ponderar a forma como intervir com os grupos de crianças, respeitando as suas características, necessidades, motivações e temporalidades.

#### **3.1. “Vamos dar Banho ao Bebê”**

Nas reflexões e conversas informais que eram realizadas em conjunto com a Educadora Cooperante de creche, refletia-se muito “sobre os momentos de rotina, dando maior ênfase aos momentos de higiene” (1ª Reflexão Cooperada A, 2019) uma vez que eram os mais frequentes no decorrer do dia.

A proposta de atividade “Vamos dar banho ao bebê” surgiu após a observação de que algumas crianças se sentiam desconfortáveis ao contactar diretamente com a água, nos momentos de higiene, manifestando-se através do choro.

O M. era um menino que não gostava particularmente dos momentos de higiene. Enquanto a auxiliar lavava as mãos e a cara, o M. chorava. A auxiliar perguntava o porquê de ele chorar e se o M. não gostava de água e o M. respondia sempre que não, acenando a cabeça. A auxiliar reconfortava-o e procurava demonstrar que a água fazia-lhe bem (Nota de campo 8, 2019).

Com o intuito de ajudar a criança a ultrapassar os seus medos e angústias, propôs-se a dinamização de uma atividade que contemplasse a exploração da água com recurso a uma banheira e um boneco. A atividade teve como ponto de partida o conto de uma história designada por “Banho com o Tobias”, em grande grupo, que abordava as várias etapas que envolvem a ação de tomar banho. A dinamização decorreu em pequeno grupo, de modo a proporcionar um momento acolhedor e afetivo com uma dedicação exclusiva às necessidades daquelas crianças em específico.

A atividade consistiu, primeiramente, na exploração da água que se encontrava dentro da banheira. De seguida, com o intuito de motivar o grupo à continuação da exploração da água e começar a atribuir significado à mesma interligando à temática da higiene, “entregamos o boneco ao M. sem mencionar o que deveria fazer e ele colocou-o de

imediatamente dentro da água” (Nota de campo 17, 2020). Todas as crianças tiveram a possibilidade de manusear o boneco. Em seguida aplicamos o gel de banho nas mãos e seguindo as orientações, o grupo procedeu à lavagem das mais diversas partes do corpo do boneco, na procura de manter sempre um diálogo com o grupo,

Estagiária- “Onde está a cabeça do bebé?”

C. e I. apontam para a cabeça do boneco.

Estagiária- “E a barriga do bebé?”

C. – “Aqui”, enquanto aponta para a barriga do boneco.

Estagiária- E o pé do bebé?

C.- “Pé”

Estagiária- “Onde está?”

C. – “Aqui”, aponta para o pé do bebé.

(Nota de campo 15, 2020)

Com auxílio, as crianças tiveram ainda a oportunidade de fazer a associação das partes do corpo do boneco ao seu próprio corpo. Este tipo de diálogo permitiu ao grupo um maior enriquecimento na descoberta do corpo e de si próprio. De salientar que, apesar do M. e o I. demonstrarem algum desconforto no contacto com a água nos mo-



mentos de higiene, no decorrer desta atividade adoraram brincar e explorar a mesma, ainda que de formas diferentes. Enquanto o M. brincou com a água, o I. passou maioritariamente o tempo a tentar levar a água à boca.

Pretendia-se acima de tudo que as crianças em questão conseguissem ultrapassar os seus receios, enfrentando-os de uma forma espontânea e livre através do brincar, onde houvesse espaço para a verbalização de emoções e sensações. Por outro lado, pretendia-se também abordar o conhecimento de si próprio através do reconhecimento e da associação de diferentes partes do corpo. Nos momentos de higiene seguintes, apesar dos receios não terem ficado totalmente ultrapassados, foi notória uma melhoria e um maior à vontade no decorrer dos mesmos.

### **3.2 Construção de espaços de diálogo e compromisso – a disponibilidade para a escuta**

Em contexto de jardim de infância a nossa intervenção também se focou no tema do educuidar, onde tivemos oportunidade de proporcionar alguns desafios às crianças e refletir sobre a importância da dimensão relacional e participativa entre adulto e criança.

O A. era uma criança que não procurava muito o colo e o afeto dos adultos da sala. Demonstrou, deste início, ter algumas dificuldades em

aceitar ou respeitar os pedidos dos adultos da sala, desafiava o adulto através das suas respostas, bem como pela sua abordagem e atitudes. Quando era necessário repreender perante alguma atitude negativa, o A. ria-se. A determinada altura sentimos que o A. estava a ser constantemente repreendido e que era necessário alterar a nossa postura porque dessa forma não se conseguiria conquistá-lo.

O mesmo acabou por se confirmar posteriormente numa situação vivenciada no percurso até à casa de banho. Durante todo o caminho, o “A. procurou destabilizar os colegas com empurrões e insultos. Aproximamo-nos dele, estendemos a mão e pedimos que viesse connosco para o início da fila. Inicialmente negou, mas após insistência da nossa parte, de forma calma, o A. aceitou” (Nota de campo 1, 2020). Na fila, a caminho do momento de higiene, caminhando ao nosso lado, o A. Olhava-nos fixamente e a certa altura referiu,

A- Então C., mas agora não te vais chatear comigo?

E- Não, estou triste e cansada por me estar sempre a chatear contigo por isso quando fizeres algo errado vou pedir que venhas para perto de mim e me ajudes.

O A. ficou bastante sério a olhar para mim com um ar surpreendido.

(Nota de campo 1, 2020).

Naquele exato momento fomos confrontadas com aquela questão e foi a solução que se encontrou de imediato. Começamos a implementar essa estratégia no dia-a-dia, no decorrer de vários momentos idênticos. Nos momentos de reunião em grande grupo, quando o A. destacava o grupo, era-lhe pedido que se sentasse ao nosso lado e ajudasse a orientar a reunião. A sua participação ajudava na sua concentração e sentido de responsabilidade e, conseqüentemente, num momento de interesse para todo o grupo, “onde todos ensinam e todos aprendem” (Matos, 2018, p. 73). Estes momentos promoviam “a partilha de tarefas (...) pontos de vista (...) promovendo a participação de todos. Uma participação à medida de cada um (...) onde as crianças aprendem a pensar-se e a pensar nos outros (Matos, 2018, 73).

Ele estava tão habituado à repreensão e ao elevar de voz que quando foi confrontado com outra maneira de ser, também ele mudou algumas das suas atitudes. O diálogo, a escuta e a compreensão foram as bases para o fortalecimento desta relação.

### **3.3 Cuidar do outro**

“Cuidar do outro”, surgiu através da dinamização de uma atividade em contexto de jardim de infância, que consistiu na realização de uma

prenda para oferecer à educadora cooperante. A atividade consistia na criação de um livro composto por desenhos ilustrados por cada criança, com recurso a diversas técnicas de pintura, recorte e colagem e acompanhados por um texto construído em conversas individuais sobre a Educadora.

Para a construção do texto, cada criança explicou o que desenhou e a partir dessa explicação entrava num diálogo sobre a Educadora – o que mais gostavam de fazer com ela, quais as características físicas que mais adoravam, o que gostavam mais nela e o que não gostavam tanto e o que ela significava para eles.

Com esta atividade pretendia-se compreender qual a perspetiva que o grupo tinha em relação à Educadora e ao seu trabalho, através dos aspetos positivos e negativos que destacavam. E se de facto ia ao encontro daquilo que a Educadora defendia na sua prática. Para além disso, esta atividade permitiu dar espaço de participação às crianças.

Por diversas vezes, no decorrer da dinamização desta atividade foi associado o papel de mãe ao papel da Educadora, “a I. para nós é uma mãe porque ela está com a gente no colégio e cuida da gente. Ela cuida como as mães cuidam dos filhos” (Nota de campo 6, 2020). Esta associação demonstra o importante papel que a educadora desempenha

na vida destas crianças e os vínculos afetivos que se foram estabelecendo ao longo do tempo. Como a mesma afirma “são palavras que têm um peso muito grande, alguém dizer-te isto é porque é um sentimento muito forte” (Educadora B, Entrevista, 2020). Em entrevista referiu ainda que,

isso para mim foi muito importante (...) eu adorei completamente esta prenda (...) porque é a definição deles. (...) Isto para mim é gratificante porque se nós estamos nesta profissão e chegamos à sala dos 5 anos e eles dizem isto sobre nós, então faz sentido e valeu a pena (, Educadora B, Entrevista, 2020).

O carinho, os abraços e o amor foram das palavras mais recorrentes nesta atividade e isso reflete o trabalho da Educadora assente no cuidado com o outro, “porque eu não educo só de chegar lá e dar todas as informações. Eu educo e cuido com o meu coração” (Educadora B, Entrevista, 2020).

### **Notas finais**

O ato de cuidar e educar está implícito nos mais simples gestos e ações que, enquanto profissionais na área de Educação, exercemos perante e com as crianças. Educar é algo que se espera de qualquer Educador,

cuidar é algo que nasce connosco. Ambos fazem parte da nossa essência e definem o nosso percurso enquanto profissionais.

Cuidar e educar é um ato de amor e de compromisso que temos para cada criança que se cruza connosco em algum momento da nossa vida e, de certa forma, iremos deixar a nossa marca na infância delas, cabe-nos decidir como fazê-lo. O respeito, a humildade, a solidariedade e a compreensão são alguns dos valores que devem ser transmitidos, mas para tal é fundamental que estes mesmos valores estejam enraizados nas nossas origens enquanto profissionais e enquanto pessoas. Educar com amor, é cuidar. Assim como cuidar com amor, é educar. Crianças amadas e acarinhadas, pensamos que se podem tornar, um dia, mais facilmente, em pessoas que respeitam e cuidam do outro.

Como refere a Educadora A: “temos de valorizar as conquistas deles, estar ao lado deles, impormo-nos quando necessário, isto também é educar, quando existem comportamentos negativos com os pares ou até com eles próprios” (Entrevista, 2020). É importante ajudá-los a refletir sobre esses comportamentos, mas acima de tudo dar colo, re-confortar e aconchegar para que se sintam seguros e confortáveis num ambiente que é deles. A Educadora B, afirma que “o cuidado vai ser

---

uma grande base para depois nós conseguirmos promover tantas outras aprendizagens” (Entrevista, 2020).

Apesar de existir a conceção de que o cuidar é mais evidente em contexto de creche uma vez que em jardim de infância, “este conceito não é tão utilizado, sendo considerado coisa pouca ou menor, face às tarefas de aprendizagem e desenvolvimento que nos ocupam e ocupam as crianças, preparando-as para a etapa seguinte, o 1º ciclo do ensino básico” (Matos, 2018, p. 71), a verdade é que a Educadora B procurou sempre reforçar e evidenciar a importância do cuidado e o afeto na sua prática pedagógica. O colo, os abraços, o diálogo e o conforto eram uma constante no dia-a-dia entre a Educadora B e as crianças. Era evidente o papel de referência que a mesma assumia perante as crianças.

Por sua vez, a Educadora A também defendia a importância do educar na sua prática pedagógica. Em muitos momentos era notória a atenção e dedicação que tinha com cada criança, porém, em determinadas situações acabava por distanciar-se um pouco do seu foco e do que defendia, talvez pela multiplicidade de tarefas com que era confrontada diariamente, uma vez que assumia a coordenação da valência de creche. Ao longo do período da prática pedagógica, procuramos

que as intervenções conseguissem, de alguma forma, complementar e apoiar as duas Educadoras cooperantes, de modo a tentar introduzir mudanças e poder ultrapassar alguns obstáculos que iam surgindo no quotidiano pedagógico. Um educador não resume a sua prática apenas a transmitir conhecimentos, mas em compreender as necessidades, ritmos, escolhas de cada criança e adequar as suas estratégias, de modo a proporcionar um ambiente com significativas oportunidades de aprendizagem.

A ação de cuidar e educar pressupõe, por parte do educador, uma atitude de escuta ativa às necessidades, aos desejos, às expectativas e inquietações da criança, procurando que cada criança explore e compreenda o mundo em função do seu ritmo de aprendizagem e desenvolvimento (Correia, 2018). Consideramos que após o leque alargado de experiências que vivenciamos, podemos afirmar que o educador de infância ao mesmo tempo que cuida, também educa, numa ação integradora, revestida de afetos, onde a *pedagogia dos relacionamentos* assume um lugar de destaque (Dahlberg, Moss, & Pence, 2003).

---

**Referências Bibliográficas**

- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bowlby. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Caldwell, B. (1995). Creche - bebé, família e educação. Em J. Gomes-Pedro, *Bebé XXI, Criança e família na viragem do Século* (pp. 470-473). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Campos, M. (1994). *Educar e cuidar: Questões sobre o perfil do profissional da educação infantil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- Correia, I. M. (2018). *Para além da dicotomia cuidar/educar: Sentidos e significados da intervenção no contexto de creche*. Tese de Doutoramento em Educação, Instituto de Educação - Universidade de Lisboa.
- D'Espiney, R. (2009). À laia de prefácio. Em T. Sarmiento, *Infância, família e comunidade. As crianças como atores sociais* (pp. 9-11). Porto: Porto Editora.
- Dahlberg, Moss, & Pence. (2003). *Qualidade na educação da primeira infância - perspetivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed.
- Didonet, V. (2003). Não há educação sem cuidado. *Revista Pátio Educação infantil*, 6-9.
- Esteves, S. (2005). *A Afetividade e a relação pedagógica. Cadernos de Educação de Infância*.
- Figueiredo, F., Lima, V., Queiroz, J., & Vidal, R. (s.d). *O papel do educador no ato de cuidar e educar na educação Infantil*.
- Franco, V., & Albuquerque, C. (2010). *Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor - aluno*. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Guimarães, D. (2011). *Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado com a ética*. São Paulo: Cortez.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança - 5ª edição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Kishimoto, T. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. Cadernos de educação de infância, Vol.90.
- Kohan, W. (2008). Infância e filosofia. Em M. Sarmiento, & M. Gouveia, *Estudos da infância - Educação e práticas sociais* (pp. 40-61). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Matos, M. (2018). O cuidado na educação de infância: cuidar e cuidar-se em comunidade. Em A. Folque, D. Magalhães, & C. V. Velho, *O cuidado nas profissões dedicadas ao bem-estar e desenvolvimento humano* (pp. 71-82). Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.

### **Nota biográfica**

**Ana Catarina Camacho Parreira**, é mestre em Educação Pré-Escolar. Desempenha funções como educadora de infância em Creche/Jardim de Infância “O Ninho” - Santiago do Cacém.

**Isabel Maria Tomásio Correia**, é bacharel em Educação de Infância (1988), licenciada em Ciências da Educação (1997), pós-graduada em Educação Especial, nos domínios Cognitivo-Motor (2006) e Intervenção Precoce na Infância (2021), mestre em Ciências da Educação (2002) e doutorada em Educação (2018), pelo Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Integra o quadro de docentes de educação especial do Agrupamento de Escolas Pedro Eanes Lobato, coordena a Equipa de Intervenção Precoce do Seixal e é professora adjunta convidada na Escola Superior de Educação (ESE) de Lisboa. Colabora com a ESE de Setúbal na orientação de relatórios de Projetos de Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Publicou livro, capítulos de livros, artigos em revistas e atas de eventos científicos, isoladamente e em coautoria.